**Introdução**

O tema abordado nessa lição é tão importante, tão grave e tão atual para nossa realidade que Emmanuel, profundo conhecedor da natureza humana, nos faz um pedido antes mesmo de tecer quaisquer comentários acerca das palavras de Paulo: ele nos pede para que não joguemos fora a confiança que já trazemos em nossos corações. Certamente refere-se Emmanuel à confiança em Deus ou, mais precisamente como veremos ao longo de nossas reflexões, confiança na justiça de Deus. E porque esse pedido é feito a nós?

Às vezes torna-se extremamente difícil para nós mantermos nossa convicção naquilo que é bom, justo, digno e honesto diante do imenso quadro de ações contrárias ao bem que se desenrola à nossa frente o tempo todo. Muitas vezes nos mostramos vacilantes diante do aparente sucesso dos ímpios ou seja, daqueles que desprezam a religião e ofendem a justiça humana; diante da momentânea vitória do vício e diante dos malfeitores que em alguns casos chegam a ser reverenciados como heróis pelos seus atos.

Então vem Emmanuel e nos diz que se nós assumimos verdadeiramente Jesus como nosso modelo e guia, precisamos aceitar a Terra como nossa escola e que todos esses acontecimentos tão distantes e tão contrários aos desígnios de Deus, fazem parte do nosso processo de aprendizagem e crescimento espiritual. Mas, como podemos alcançar esse entendimento?

**Desenvolvimento**

O primeiro sentimento que precisa ser fortalecido em nós é o de que Deus é soberanamente justo. Claro que não temos condições de compreender profundamente os mecanismos da Justiça Divina mas precisamos nos esforçar para aceitar a ideia de que Deus é soberanamente justo e bom. Entendemos perfeitamente que essa aceitação torna-se muito mais difícil para aqueles de nós que já foram vítimas da violência, da desonestidade, da calúnia etc. Mas sem convicção na Justiça Divina, todo esse aparente caos que se abate sobre nosso país e nosso planeta parecerá tão somente um mecanismo de auto destruição.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 3 - Há Muitas Moradas na Casa de Meu Pai há uma passagem que pode nos auxiliar a entender melhor a dinâmica da Justiça Divina. Essa passagem está nas Instruções dos Espíritos quando fala dos Mundos de Expiações e Provas, categoria na qual o Planeta Terra se enquadra. No item 15 temos o seguinte:

“Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito.” – Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

Santo Agostinho explica-nos nessa passagem como Deus, em sua bondade e sabedoria, utiliza de nossas próprias iniquidades para nossa evolução. E devemos ficar particularmente atentos quando ele diz que temos que lutar com a perversidade dos homens. Poderíamos ser levados a interpretar essas palavras como sendo “a perversidade dos outros homens” quando na verdade elas devem ser “a nossa perversidade”. Temos que nos lembrar que somos espíritos milenares e na bagagem das vidas pregressas é bastante provável que ainda tenhamos débitos de nossas ações no mal. Mas, como Deus é infinitamente justo, bom e misericordioso, recebemos a benção da reencarnação para os ajustes necessários e o trabalho em nosso progresso. Além disso, nossa capacidade de compreensão das Leis Divinas na atualidade está ampliada pela Doutrina dos Espíritos cujos ensinamentos expande os horizontes do nosso entendimento. Entendemos assim, que a convivência do bem com o mal aqui na Terra é necessária para o progresso de todos.

Emmanuel chama nossa atenção para o fato de que a vida na carne é apenas um estágio do espírito no imenso campo da vida. Quando ele diz “apenas um estágio” não é no sentido de diminuir a importância da vida na matéria. Muito pelo contrário: essa é a nossa valiosa oportunidade de colocarmos em prática tudo o que temos aprendido ao longo de nossas existências. E ao comparar a brevidade de uma existência carnal com a eternidade da vida Espiritual, Emmanuel nos faz pensar em duas questões:

1º. – Todas as nossas conquistas de ordem terrena, venham elas por meios lícitos ou ilícitos, permanecerão aqui na Terra quando desencarnarmos;

2º. – A passagem pela matéria é breve mas as consequências de nossas práticas no mal durante essa passagem podem exigir de nós muito tempo para serem reparadas.

Pensando a respeito dos desvios de conduta dos quais Emmanuel fala nessa lição, reconhecemos que nada é novo, nada é recente para nós: dominação, massacre, guerras, monopólio do pão, ditaduras sangrentas, abuso de poder político são coisas, dentre tantas outras, que estão conosco desde os primeiros tempos da humanidade na Terra e provavelmente continuarão por um longo tempo.

Emmanuel conhece essa realidade; ele viveu e presenciou essas experiências na pessoa do Senador Romano Publius Lentulus ao tempo de Jesus conforme está narrado na obra “Há Dois Mil Anos”. Mas ele reconhece que hoje também nós queremos mudar para melhor, que já buscamos algo diferente para nossas vidas. E é por ter sido quem foi e ser hoje quem ele é que ele nos aconselha a não rejeitarmos a fé ainda que frequentemente a vida nos apresente “aflitivos quadros no jogo das convenções humanas”.

E como devemos exercitar a nossa fé dentro desse turbilhão de acontecimentos e comportamentos infelizes que assolam a humanidade? Como podemos colaborar para que esses quadros aflitivos não se ampliem?

Primeiramente é preciso que sejamos vigilantes para não nos tornarmos propagadores do mal. Muitas vezes nós não praticamos diretamente o mal mas, influenciados pelas notícias que nos chegam a todo momento ou por conversações menos felizes em nossos círculos de convivência, acabamos colaborando involuntariamente para passar adiante as ideias ruins, o negativismo, o pessimismo, a crítica constante e improdutiva. Temos também que evitar o ódio contra aqueles que praticam os crimes de violência e de corrupção. Esse é um exercício extremamente difícil para nós, sobretudo quando vemos como os crimes dessa natureza estão se tornando banais em nossa sociedade. Realmente é difícil mas é necessário pois esses irmãos não precisam de nossa condenação; a vida cobrará deles pesados débitos por suas escolhas. Mas isso é entre Deus e eles.

A segunda maneira pela qual podemos exercitar a nossa fé é muito mais simples e mais agradável: devemos ser divulgadores do bem. Martin Luther King, ativista e humanitarista Norte-americano, dizia que o que o incomodava de verdade não era o grito dos maus mas sim o silêncio dos bons. Muitas vezes somos demasiadamente tímidos para falar e mostrar o que é bom. Se pensarmos na escolha do povo para que Barrabás fosse libertado e Jesus condenado: será que todas as pessoas ali presentes estavam de acordo com a condenação de Jesus? Certamente que entre elas havia aqueles que consideravam Jesus inocente mas eles se mantiveram calados. O silêncio dos bons tem colaborado para aumentar a impressão de que somente existe o mal e o errado no nosso país e no mundo. Se os noticiários substituíssem algumas notícias de acidentes, crimes ou corrupção por notícias sobre assistência social, trabalho voluntário e de caridade, as pessoas sentiriam menos medo e mais vontade de serem úteis aos outros. Portanto, sejamos divulgadores do bem. Sem contendas, sem atritos e sem imposições, vamos falar e principalmente praticar o bem para que, pelo nosso exemplo, outras pessoas também acreditem que o mundo não é só do mal.

**Conclusão**

Acreditamos que a principal mensagem que Emmanuel nos deixa nessa lição, é a seguinte:

“Por onde fores, conduze tua alma como fonte preciosa de compreensão e serviço! Onde estiveres, sê generoso, otimista e diligente no bem!”

E para ilustrar a verdade dessas palavras, trouxemos uma pequena estória. É uma estória que se baseia nos conceitos de Céu e Inferno como locais de permanência eterna da alma após a morte, mas isso de forma alguma irá prejudicar a essência da lição. A estória é a seguinte:

“Era um sujeito que viveu amorosamente toda a sua vida. Quando morreu, foi ter às portas do céu para saber se lá poderia entrar. São Pedro, responsável por determinar quem pode entrar no céu, não encontrou em seus registros nenhuma informação que permitisse àquele homem entrar no céu.

- Sinto muito meu filho mas você não poderá entrar.

O homem, em toda sua simplicidade, disse apenas “Tudo bem” e foi conduzido ao inferno.

Alguns dias depois, Lúcifer chega furioso às portas do Paraíso para tomar satisfações com São Pedro:

- Isso que você está fazendo é puro terrorismo!

Sem saber o motivo de tanta raiva, Pedro pergunta do que se trata. Um transtornado Lúcifer responde:

- Você mandou aquele sujeito para o Inferno e ele está me desmoralizando! Chegou escutando as pessoas, olhando-as nos olhos, conversando com elas. Agora, está todo mundo dialogando, se abraçando, se beijando. O inferno não é lugar para isso! Por favor, traga este sujeito para cá!”

Moral da estória: viva com tanto amor no coração que se, por engano, você for parar no Inferno, o próprio demônio lhe trará de volta ao Paraíso.